



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JANIS CLEIDE SILVA

**A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSORES E ALUNOS EM SALA DE
AULA DO 4º E DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Campina Grande – PB
2017**

JANIS CLEIDE SILVA

**A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSORES E ALUNOS EM SALA DE
AULA DO 4º E DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia de Assis

Campina Grande – PB
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Janis Cleide
A relação afetiva entre professores e alunos em sala de aula do
4º e do 5º ano do ensino fundamental [manuscrito] / Janis Cleide
Silva. - 2017.
33 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Maria Célia de Assis, Departamento de
Departamento de Pedagogia".

1. Ensino fundamental 2. Relação professor aluno. 3.
Ensino aprendizagem I. Título.

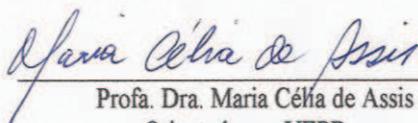
21. ed. CDD 371

JANIS CLEIDE SILVA

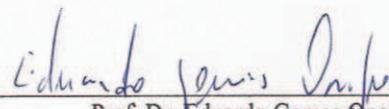
**A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSORES E ALUNOS EM SALA DE
AULA DO 4º E DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Aprovada em 08/08/2017

BANCA EXAMINADORA

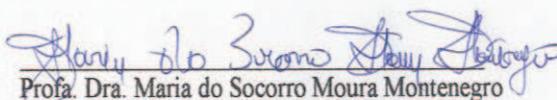

Prof. Dra. Maria Célia de Assis

Orientadora – UEPB



Prof. Dr. Eduardo Gomes Gnofre

Examinador – UEPB



Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

Examinadora – UEPB

Campina Grande – PB
2017

Dedico

*Ao meu companheiro José da Matta Bonfim (in memoriam)
A minha mãe Ana Dantas de Oliveira (in memoriam).*

*Nesta etapa alguém que gostaria de estar comigo encontra-se ausente.
Mas, a lembrança de sua presença, o toque de suas mãos, o som de sua voz,
sopra suaves na minha memória, num triste murmúrio de lamento e saudade.
Eles se foram num adeus eterno, mas estão aqui. Lembrados, presentes, eternos.*

Agradeco

Á Deus, Pai todo poderoso, que com sua infinita sabedoria e seu imenso amor por mim, mostrou que, quando queremos e confiamos, somos capazes de realizar nossos sonhos.

Aos meus filhos José da Mata Bonfim Filho, Fortier Silva da Matta Bonfim, Delane Silva da Matta Bonfim e Cintia Denize Ferreira da Silva, que sempre aceitaram e entenderam a minha ausência, pois sabiam que, mesmo não estando presente, o meu amor era imenso e que onde estivesse, os levaria em meu coração.

Aos meus irmãos Jurandis, Jairo e Júnia, que com seus incentivos me ajudaram a prosseguir na jornada quaisquer que fossem os obstáculos, souberam me apoiar e compreender, compartilhando dos meus ideais. A vocês que, mesmo distante, se mantiveram sempre ao meu lado lutando sempre comigo, minha gratidão.

À minha orientadora Profa. Dra. Maria Célia Assis pela boa vontade, incentivo, paciência e dedicação, encorajando-me no cumprimento desta tarefa. Que Deus a ilumine para que continue sendo esta pessoa solidária e humana para com todos que o rodeiam e que dela precisam.

As amigas da turma, entre elas, Rosalva Oliveira e Jocilene Tavares, com as quais vivenciei juntas tantas horas e carregamos as marcas das experiências comuns que tivemos para que partamos confiantes em busca de nossos ideais.

Aos meus queridos mestres que durante o curso transmitiram diversos conhecimentos que me servirão no futuro profissional.

Á você Maria das Dores Muniz por sempre me incentivar e oferecer sua palavra amiga, nos momentos em que mais preciseis.

Á todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu realizasse este trabalho e me tornasse uma pedagoga.

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “A relação afetiva entre professores e alunos em sala de aula do 4º e do 5º ano do ensino fundamental”, tem como objetivo investigar se há ou não, relações afetivas entre professores e alunos, nas salas de aula do 4º e do 5º ano do ensino fundamental. A nossa intenção com o referido tema foi buscar uma fundamentação teórica que possibilite uma melhor compreensão sobre a importância dessa relação, contribuindo para o debate acadêmico-científico. No encalce desse objetivo caminhamos através da pesquisa qualitativa, numa abordagem descritiva, tendo como referencial Bogdan; Biklen (1994), Gil (2007). Para melhor desenvolvermos a nossa pesquisa buscamos nos fundamentar em estudiosos no assunto como, Freire (1993, 2009), Morales (2001), Furlani (2002), entre outros, os quais nos fizeram compreender que o relacionamento afetivo entre professor e aluno, e sua ação pedagógica, são de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual. Portanto, a pesquisa nos proporcionou uma reflexão sobre a importância do relacionamento afetivo entre professor e aluno dentro das instituições de ensino, sobretudo, no grau escola do 4º e 5º ano do ensino fundamental.

Palavras chave: afetividade - relação professor aluno - aprendizagem significativa.

ABSTRACT

The present research entitled "The affective relationship between teachers and students in the classroom of the 4th and 5th year of elementary school", aims to investigate whether or not there are affective relationships between teachers and students in the classrooms of the 4th and 5th year of elementary school. Our intention with this topic was to seek a theoretical basis that allows a better understanding of the importance of this relationship, contributing to the academic-scientific debate. In pursuit of this objective, we walk through qualitative research, in a descriptive approach, with Bogdan; Biklen (1994), Gil (2007) as a reference. In order to better develop our research, we seek to base ourselves on scholars such as Freire (1993, 2009), Morales (2001), Furlani (2002), among others, who have made us understand that the affective relationship between teacher and student and their pedagogical action are of fundamental importance for the development intellectual. Finally, the research provided us with a reflection on the importance of the affective relationship between teacher and student within educational institutions, especially in the grade level of the 4th and 5th year of elementary school.

Keywords: Affectivity - student teacher relationship - meaningful learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO EM SALA DE AULA	10
1.2 AFETIVIDADE: PERCURSO PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA	14
1.3 OS DIFERENTES TIPOS DE PROFESSORES	18
2 METODOLOGIA.....	21
3 ANÁLISE DOS DADOS	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

*Quando sonhamos sozinhos é apenas um sonho. Quando
sonhamos juntos, é o começo da realidade.*
Dom Helder Câmara

INTRODUÇÃO

A nossa opção pela presente pesquisa intitulada: “A relação afetiva entre professores e alunos em sala de aula do 4º e do 5º ano do ensino fundamental”, , não surgiu ao acaso, mas, durante o período de observação ao cotidiano da escola, tivemos oportunidade de manter um maior contato com as duas partes envolvidas.

Diante disso, o nosso objetivo consiste em “investigar se há ou não, relações afetivas entre professores e alunos, nas salas de aula do 4º e do 5º ano do ensino fundamental”.

Alguns questionamentos surgiram em meio às nossas reflexões e com elas fluiu a necessidade de buscarmos respostas através de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, em uma Escola Pública na cidade de Campina Grande-PB.

Neste contexto, para a consecução do nosso intento, tendo em vista a importância deste estudo, elaboramos os seguintes questionamentos: a) como a relação professor-aluno interfere no processo ensino-aprendizagem?; b) quais os tipos de relação deve-se manter com os alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental?; e c) quais as diferenças existentes entre professor autoritário e o professor democrata no controle da sala de aula?.

A necessidade de trabalhar a temática relação professor-aluno em sala de aula do 4º e 5º ano tem como tarefa básica promover a melhoria do processo ensino-aprendizagem através de um bom relacionamento entre ambos, considerando que deste relacionamento nascerá ou crescerá relação de afetividade e influências positivas e os conhecimentos florescerão através de atitudes, dos hábitos e também da motivação presentes em sala de aula.

Portanto, esperamos que o nosso trabalho possa de alguma forma, contribuir com a construção da afetividade nas relações professor aluno em sala de aula assim como no ambiente escolar.

Organizamos o trabalho da seguinte forma, na primeira parte, denominada Fundamentação Teórica, apresentamos conceitos e concepções sobre as relações professores e alunos em salas de aulas dos anos iniciais do ensino fundamental, apoiadas em estudiosos no assunto.

Na segunda parte, procedimentos metodológicos, caracterizamos os participantes da pesquisa, o método para obtenção dos dados e procedimento de análise dos mesmos.

Na terceira parte, analisando e interpretando o que vimos nas observações e o que ouvimos das professoras participantes da pesquisa que responderam aos questionamentos objetos da presente pesquisa.

Na quarta e última parte, nas considerações finais, formulamos ideias sintetizadas da análise, desenvolvidas durante o nosso trabalho sobre um aspecto de grande relevância no processo educativo. Conclui-se que para que a aprendizagem ocorra é necessária uma boa convivência escolar, onde haja respeito e ajuda mútua e o aluno seja atendido em suas necessidades, recebendo estímulo e motivação para superar as suas dificuldades.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta parte de nosso estudo é de grande relevância, visto que é nela que discutiremos com os estudiosos no assunto acerca das relações entre professores e alunos em salas de aula, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como, das aprendizagens significativas e diferentes tipos de professores no ensino fundamental.

1.1 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO EM SALA DE AULA

Frequentemente se discute o tema “relação professor aluno em sala de aula”, dando ênfase as questões de aprendizagens, do desenvolvimento e das relações humanas e sociais. Essas relações, ao mesmo tempo pessoais, interpessoais e sociais têm, em sua origem, a preocupação pedagógica e educativa, ou melhor:

[...] o que se ensina sem querer ensinar e o que se aprende sem querer aprender pode ser e, com frequência e, o mais importante e o mais permanente do processo ensino- aprendizagem e isso, por sua vez, dependem, em boa medida, do estilo de relação que estabelecemos com os alunos (MORALES 2001, p.15),

Desse modo, o bom professor visto pelos alunos, segundo os mais velhos, é aquele que sabe dar segurança, é próximo, é familiar, é sensível as necessidades dos alunos, dá ajuda extra, não discrimina, auxiliar os que tem dificuldades, é humilde e reconhece os próprios erros.

Ainda de acordo com Morales (2001), são muitos os estudos e pesquisas realizadas sobre as características do professor ideal, segundo os alunos, resultam duas grandes categorias de traços ou condutas: alguns dizem respeito à competência do professor para ensinar, controlar a classe; outros, ao seu relacionamento com os alunos, por exemplo: é compreensiva, paciente, esta disponível para ajudar, entre outros.

No entanto, com somos pessoas diferentes, também podemos ver o nosso papel como professor de maneira diferente, sendo muitas vezes, limitado a condutas acadêmicas, como explicar, esclarecer, corrigir examinar, ou, se comunicar com os alunos, de varias maneiras, de forma natural e espontânea, através de condutas verbais (o que comunica aos alunos e como comunicada), de comunicação não - verbal (sorrisos, gestos, olhares) e em sentido mais próprio (o que faz e organiza).

Em síntese, as condutas do professor tal como são percebidas pelos alunos, influenciam sobre a dedicação e, o esforço dos alunos influencia sobre as condutas dos professores.

Como em todas as relações humanas, as primeiras impressões são importantes, não é demais um toque de atenção dentro do contexto da relação professor-aluno e sala de aula, principalmente no primeiro dia de aula quando os alunos estão muito atentos ao que vão ouvir, por isso é preciso o professor pensar, refletir em tudo aquilo que diz, sem esquecer-se de priorizar dinâmicas capazes de animá-los, de deixá-los à vontade para questionar, e tenham prazer pela sala de aula. Esse primeiro contato é tão importante para eles, alunos, como para os professores.

As expectativas do professor em relação ao aluno podem contribuir para o êxito de uns e o fracasso de outros, porém, desde que o seu compromisso não dependa apenas de dedicar-se a uns e outros não, não dependa apenas de palavras de ânimo, mas que contribui para o êxito de todos, sem distinção, seja por meios de gestos como, por exemplo, uma boa impressão no olhar, ou ainda, o modo de perguntar, a forma de elogiar os questionamentos e respostas dos alunos.

Nesse contexto, o professor deve estar sempre atento as suas atitudes assumidas em sala de aula, uma vez que elas interferem no desempenho da turma, daí a importância dos fatores afetivos. E por meio do vínculo existente entre o professor e cada um dos alunos, que a aprendizagem acontece.

Portanto, estabelecer um vínculo afetivo é respeitar é permitir ao aluno expor suas ideias, mesmo que sejam diferentes das do professor, é motivá-lo a ter interesse pelos estudos, é transmiti-lo expectativas capazes de melhorar a sua confiança em si própria, isto é:

Uma das variáveis mais estudadas e pesquisadas hoje sobre o aprendizado é precisamente o outro - eficácia, o sentimento de que eu posso eu sou capaz. E essa auto eficácia não depende apenas da capacidade inata do indivíduo ou de sua personalidade, mas em boa medida é uma atitude aprendida (MORALES, 2001, p.135).

Faz parte também desse vínculo, os sentimentos, como os medos, as expectativas, as vontades, as descobertas, e porque não, às vezes, também, lágrimas. Desde logo, os sentimentos respeitados e bem trabalhados em sala de aula, podem contribuir em um aprendizado eficaz, em qualquer idade, isto é em qualquer nível de ensino, embora haja a impressão de que a atenção ao âmbito afetivo da sala de aula é mais conveniente no ensino fundamental e médio.

Para tanto, é importante o professor perceber o que o aluno pensa e diz em relação aos seus sentimentos, para que, a partir daí construir conjuntamente a afetividade nas relações em sala, ou dito de outro modo a “afetividade existe quando o professor considera o estudante como único e o leva a construir suas próprias relações com o mundo”. (ABREU, 2003, p.17).

Além das relações professor – aluno, também os alunos se relacionam entre si na sala de aula, na escola, e essa relação é muito significativa, sobretudo, quando há alunos tímidos ou com alguma característica que gera certa rejeição nos outros, por isso, considerando os poderes que detém o professor torna-se imprescindível estruturar situações que os alunos possam se relacionar entre si e que falem entre si de coisas importantes (MORALES, 2001), criar situações de comunicação entre eles, com um propósito educativo sem esquecer-se de considerar as suas idades, no sentido de compreender as suas intervenções, sejam pouco, muito ou nada; o que importa e instrumentalizar os alunos para reflexões.

Nessa perspectiva, torna-se imperioso a valorização do professor, essencialmente pelo processo de formação continuada, dado que sem a devida formação, não é possível abolir a prática que desconhece as individualidades, que nega a liberdade, a dignidade, a solidariedade, a participação, fundamentos essenciais para uma educação alicerçada nas relações de afetividade (ASSIS, 2014).

Apesar disso, da não valoração do professor, Furlani (2002) afirma que os alunos valorizam muito o papel do docente, ou seja:

O acesso ao conhecimento se faz, principalmente, por meio da relação que estabelecem com o professor. Embora se reconheça o peso do clima, dos objetivos e valores das instituições, o projeto e a atuação individual do professor ainda são mais fortes (SOUSA, 2002, p. 54).

Desse modo, a relação que o aluno estabelece com o conhecimento, com os professores, com os amigos e com a instituição, pode provocar alterações no olhar de cada um sobre o ensino, sobre a educação, sobre o futuro e sobre si mesmo. Sobre isso, Furlani (2002) enfoca que o conviver se faz por meio das relações citadas, no entanto, o aprender se relaciona a aprendizagem e se faz em espaços distintos, e conhecer os humanos é essencial, pois dele derivam todas as aprendizagens.

O autor considera que a escola consegue atingir seu papel quando o aluno pode vivenciar relações enriquecedoras (relações que são condição para o aprendizado). Para tal, é preciso modificar propostas pedagógicas que concebem os

alunos como, atrasados, incompetentes. É preciso fazer da relação com o conhecimento um desafio e motivar a sua aprendizagem.

A interação professor-aluno nesse contexto é fundamental para uma adaptação escolar. Se o professor realmente deseja ser educador deve procurar criar em sua sala de aula, situações ajustadas ao desenvolvimento dos alunos, procurando ser receptivo, evitando antecipar julgamentos, embora diante de conflitos, que possam comprometer emocionalmente, tanto o professor, como o aluno. Diante disso, cabe ao professor intervenções no sentido de possibilitar um ambiente saudável respaldado no afeto.

Segundo Piaget (1974, p.27):

É incontestável que o afeto desempenhe um papel emocional do funcionamento da inteligência. Sem afeto não haverá interesse, nem necessidade, nem motivação e, conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência.

A relação professor-aluno é de vital importância quando se dá de forma harmoniosa, porque a aquisição da aprendizagem depende do relacionamento que se estabelece entre ambos. Além disso, favorece uma boa adaptação escolar e proporciona ao aluno superar muitas dificuldades afetivas, principalmente quando se estabelece laços de amizade, mantendo, assim, uma relação de “respeito”, atitudes expressando confiança, sendo assim, o aluno adquire segurança para construir seu conhecimento de modo crescente e objetivo. O relacionamento afetivo entre professor e aluno, e sua ação pedagógica são de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual.

As relações afetivas na sala de aula dependem muito das atitudes do professor; se o mesmo se mantém indiferente, ou expressa raiva em relação ao aluno, a tendência para com este será a mesma. Com isso, a sala de aula tornar-se-á um ambiente de conflito e, conseqüentemente, dificuldades no desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Assim sendo é primordial um trabalho construído em prol de auto equilibrar-se e de auto perceber-se, percebendo o outro nessa relação.

Nessa visão, Saltini (1997, p. 31) nos diz que:

O educador não pode ser aquele indivíduo que fala horas a fio a seu aluno, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar e colocá-lo ao serviço da vida.

O verdadeiro professor é aquele que concilia sua relação com o aluno, através da compreensão, desperta no aluno interesse pelo que vai ensinar, estabelece uma relação de confiança mútua, conhece o aluno e o meio em que é inserido, estimula a confiança do aluno em si próprio e incentiva a capacidade de sonhar, realiza o diálogo, cria vínculos afetivos e acredita na capacidade de produzir do aluno.

Nesse cenário, o professor é um especialista na arte de educar, é aquele que não deixe morrer a semente da esperança, que acredita no sonho, no poder da transformação, na capacidade de cada aluno, no potencial que há no interior de cada aluno. Aquele que acredita em uma educação como uma semente que vai proporcionar ao aluno a capacidade de fazer nascer o pensamento de transformar e construir sua própria história tem a plena convicção que sua profissão deve ser exercida com responsabilidade, dignidade, compromisso e prazer, tem a consciência que:

O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. É a semente do pensamento, é o sonho. Por isto os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: Interpretes de sonhos. (ALVES, 2001, p.102).

Portanto, pensar, criar, respeitar, e amar são sementes indiscutíveis para as relações afetivas em sala de aula, e, em consequência, aprendizagem significativa.

1.2 AFETIVIDADE: PERCURSO PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.

A aprendizagem significativa deve ser considerada, a partir do que o aluno já sabe, isto é, seus conhecimentos prévios, como, conceitos, proposições, princípios, fatos, idéias, imagens, símbolos, entre outros, determinantes para o processo ensino aprendizagem, e base para a transformação dos significados lógicos, dos materiais de aprendizagem, potencialmente significativos, em significados psicológicos (AUSUBEL, 1980, 2003).

Em virtude disso, não podemos deixar de considerar a afetividade como um dos percursos para o processo de construção da aprendizagem significativa, a partir do pensamento que:

A nossa vida emocional é de grande importância e que a afetividade nos propõe uma viagem fantástica ao mundo das emoções e dos sentimentos, por isto podemos adiantar que os cenários vão desde a perspectiva cultural, com narrativas mitológicas, até o olhar científico, passando pelo fascínio da representação, teatro e cinema (MOSQUERA; STOBÄUS 2006, p. 127).

Lamentavelmente, ainda existe escola que não prioriza a afetividade como o alicerce preponderante na relação professor e aluno, deixando a margem o que é mais importante em uma sala de aula, o aluno, com as suas emoções e sentimentos, haja vista que sem aluno não existe professor, não existe escola. Neste sentido:

A vida emocional e os sentimentos do ser humano – dor, alegria, amor despertam, desde há muito tempo, um grande interesse entre os seres humanos. Isto é compreensível, por que são traços do comportamento humano em diferentes circunstâncias da sua vida, nas relações como o outro, o meio ambiente e com a natureza (MOSQUERA; STOBÄUS 2006, p. 127).

Nesse sentido, o relacionamento interpessoal é importante para possibilitar a aprendizagem, porém a priori se faz necessário que o professor caminhe sempre em direção daquele profissional da educação que tem como princípio básico, a compreensão que ser um bom professor não significa somente saber comunicar-se bem e saber conteúdos específicos, é importante também perceber a importância do afeto e da formação de valores para o crescimento pessoal dos indivíduos.

Diante disso,

A docência envolve o professor em sua totalidade; sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação (GRILLO, 2004, p. 78).

Logo, compreendemos que o relacionamento construído juntamente com o aluno, é uma das portas de entrada para o sucesso pessoal e profissional, tendo em vista, que o professor consegue desenvolver bem melhor a sua prática, quando ha respeito mútuo entre ambos, conseqüentemente, uma convivência em um ambiente harmonioso, prazeroso e acessível a construção e reconstrução do conhecimento.

Nessa mesma linha de raciocínio, Freire, diz que,

O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico (2009, p. 103).

Por isso, o professor deve considerar que faz parte essencial do ensino aprendizagem à reconstrução de conhecimentos dos alunos e, principalmente, para que cresçam como pessoas, o estabelecimento permanente de uma relação afetiva, porém, sem esquecer-se da responsabilidade de exigir compromisso e seriedade com o processo de ensino.

Diante disso, não podemos deixar de dizer que a afetividade, faz parte do ser humano, por isso o professor não deve se distanciar, melhor dizendo, não pode deixar de respeitar as emoções do aluno, uma vez que estas ao aluno o desejo de aprender com significado, proporcionando a formação de sujeitos livres, autônomos e criativos.

Nesse processo, o professor é considerado um mediador da aprendizagem, visto que, as suas ações são embasadas pela a plena confiança e o respeito ao aluno, pois à medida que o professor age como mediador da aprendizagem, certamente, não vai mais impor conteúdos, ao contrario, estes surgirão a partir do momento da interação do dialogo, da criação, da curiosidade, tornando assim a aprendizagem um ato prazeroso e dinâmico, melhor dizendo:

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que o professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 2009, p. 86).

Nesse sentido, o professor direciona a sua prática buscando formar o aluno como um todo, estimulado-a aprendizagem significativa, tornando-a capaz de descobrir, construir e reconstruir o conhecimento.

Não podemos deixar de reconhecer também às qualidades relacionadas ao apreço, a aceitação, a confiança, a compreensão, qualidades que colaboram com o processo ensino e aprendizagem, a partir do momento em que o professor possibilita ao aluno um agir com sinceridade, assumindo seus sentimentos como de fato é, podendo, assim, se comunicar de forma transparente, proporcionando dessa maneira, uma aprendizagem respaldada na teoria construtivista Jean Piaget (1974), ou e libertadora de Paulo Freire (2005). Tais teorias tem como pressuposto aceitar o aluno como ele é, demonstrar a confiança no que o aluno faz, decerto, isso favorece uma aprendizagem significativa, dito de outro modo, proporciona ao aluno a liberdade e a oportunidade de aprender com significado.

Os efeitos das qualidades acima citadas são tão importantes quanto às intelectuais para o desenvolvimento da criança, por isso é fundamental se considerar a influencia dessas qualidades durante o desenvolvimento do aluno. Para tanto, é preciso uma pratica educativa ancorada na reflexão e no compromisso a uma atuação eficiente, donde o papel essencial do professor é impulsionar a aprendizagem do aluno.

Chalita (2001) aponta o afeto como solução para a educação, pode parecer utópica, porém apesar de haver outras formas de educar, a educação só poderá ser considerada completa se mergulhada no amor, talvez por isso é que a grande maioria das escolas não conseguem atingir o objetivo principal, qual seja, que os alunos aprendam efetivamente. “Educação é isto: o processo pelo o qual os nossos corpos vão ficando iguais as palavras que nos ensinam. Eu não sou eu: eu sou as palavras que plantaram em mim” (ALVES, 2001, p. 35).

Nesse sentido, é necessário o professor conhecer a si mesmo, pois a partir daí tornar-se-á possível compreender as pessoas com as quais se relacionam principalmente os seus alunos; ter equilíbrio emocional para lidar com situações cotidianas. Sem dúvida, são fatores determinantes para uma convivência harmoniosa, amigável, assim como, para o desenvolvimento intelectual, como também, para o equilíbrio psíquico do aluno.

Felizmente as crianças trazem em si a pureza que os impede de nutrir sentimentos negativos. A inocência existente em seus corações permite que perdoem o outro com facilidade. Permite que não guardem rancor, mágoa, raiva ou vingança que possa ter operado deles por momentos. São essas virtudes que devemos procurar manter em seus corações, fazendo com percebam a grandeza de preservar virtudes com essas durante toda a vida (CHALITA, 2003, p. 46).

Tal pensamento, mais uma vez se comprova a afetividade como fator de fundamental importância não apenas na relação professor aluno, mas na aprendizagem significativa. Desde logo, é uma aprendizagem que exige uma compreensão acerca do aluno, como um todo a partir da sua história. Ao contrário, é um ensino que separa, fragmenta, cujo objetivo consiste apenas para em atingir as metas exigidas pelos os órgãos responsáveis pela a educação, seja a nível estadual ou municipal, num contexto de apenas transmitir conteúdos programáticos, sem nenhuma relação de afeto, deixando de considerar as necessidades do aluno, individual ou em grupo, assim sendo,

[...] as escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias de símbolos e de dores (SALTINE 1997, p. 47).

Nesse sentido, enquanto a escola não perceber que se não houver um relacionamento afetivo entre professor aluno, certamente, o ensino tornar-se-á um ato

de sofrimento, de certa forma, contribuindo para a construção de neuróticos, uma vez que o aluno é visto desvinculado da sua história de vida, pessoal, familiar e de sua cultura. Ou ainda, a escola impõe de forma autoritária conteúdos prontos, sem nenhum objetivo de levar o aluno a pensar inventar e descobrir, para poder construir suas hipóteses e agir sobre elas, individualmente ou em grupo.

Enfim, a aprendizagem que sonhamos é sem dúvida a significativa, fundamentada nas teorias de Ausubel, (2003), Mosquera; Stobäus (2006), entre outros, estudiosos que percebem o aluno com um sujeito ativo, construtor do seu próprio conhecimento em um processo de interação social; em que o aluno passe a ser fonte onde a ação pedagógica transcenda aos conteúdos, construindo e reconstruindo conhecimentos para a sua vida, como um sujeito criativo, capaz de fazer novas coisas, de descobertas e pensamentos sobre o que esta construindo, reconhecendo o seu nível de desenvolvimento diferenciado e estilo de aprendizagem contrastante.

Para tanto, é necessário que o professor reflita conscientemente da importância das relações afetivas em sala de aula, haja vista a sua contribuição na construção do aluno cidadão, capaz de enfrentar com dignidade, responsabilidade e respeito ao outro e a sociedade e não apenas para receber e acumular informações.

1.3 OS DIFERENTES TIPOS DE PROFESSORES

A diferença entre os professores podem ser observadas desde as relações de amizade, respeito, afetividade, conseqüentemente, de confiança, até as relações de submissão, controle, opressão, ou melhor, de autoritarismo. Dependendo do estabelecimento dessas relações o processo ensino aprendizagem acontece ou não.

De acordo com Furlani (1995) a forma como o professor ministra a disciplina, determina as expectativas em relação ao seu papel diante do aluno. Para o autor, concepções diferenciam o professor, isto é, o professor como controlador, onde o ensino é centrado no professor, sendo este considerado um transmissor de conteúdo e o aluno apenas um receptor passivo:

O relacionamento ameaçador que o professor estabelece com sua classe o qual faz com que, mediante sua simples presença, os alunos imediatamente se calem, pode ser um exemplo claro de que estes passam a emitir o comportamento desejado devido ao estímulo aversivo que o professor representa (FURLANI, 1995. p.46).

Dessa forma, o professor já traz todo o conteúdo pronto, sem levar em conta, o interesse do aluno.

Outra concepção é a do professor como auxiliar ou facilitador do aluno. Por considerar que o aluno já traz um conhecimento, “o professor deve intervir o mínimo possível. Qualquer ação que o aluno decida fazer é a priori, boa, instrutiva. E o regime *laisser-faire*: deixa fazer, que ele encontrara o caminho” (BECKER, 2001, p. 19).

Desse modo, certamente haverá ausência de disciplinamento, concepção em que o professor não sabe realmente, estimular, passando esta função para a turma, ignorando uma postura adequada, ou melhor, no desempenho das suas funções. .

Para Furlani, outra concepção consiste no que ele denomina de:

O professor como pessoa que pode adotar práticas autoritárias (desigualdade ou ocultação no exercício do poder), ou omitir-se no desempenho de uma de suas funções (abandono do exercício do poder), quando não possui condições (pessoais, técnicas ou políticas) para desenvolver a competência profissional e quando não está motivado para aprender com os demais seres humanos com os quais interage em seu trabalho (sejam eles hierarquicamente superiores ou inferiores). (1995, p.51):

O indisciplinamento na sala de aula é motivado de insatisfação tanto para o professor, como para o aluno, resultando em um aprendizado insatisfatório para ambos, passando a ser um problema para o desenvolvimento de qualquer atividade.

Ainda, Furlani (1995) aponta, ainda, para a seguinte classificação: professor como classificador e professor com diagnosticador. O professor como classificador, nesta concepção, é aquele que realiza verificação para o aluno mostrar se aprendeu ou não, respondendo a provas e trabalhos, memorizando mecanicamente o conteúdo dando. Dessa forma, não há criatividade, nem tampouco transformação.

O professor, com esta concepção não aceita a educação nem o conhecimento como processo de construção, como também, só valoriza o aspecto intelectual percebendo que o educando quando mais conhecimento arquivado tiver, melhor a posição do professor frente aos alunos e a sociedade e o aluno pensa apenas sobre o que e o professor verbalizado.

Na segunda concepção, o professor com diagnosticador, considera a avaliação como um diagnóstico para acompanhar o aprendizado do aluno, assim sendo, aplicada de forma respeitosa e estimuladora pelo professor, dando ao aluno a

oportunidade de buscar a autocrítica, essencial a qualquer processo de aprendizagem significativa.

Logo, os diferentes tipos de professores revelam modelos autoritários, facilitadores e democráticos, o que favorece ou não uma vivência escolar satisfatória.

A vivência autoritária caracteriza-se pela ausência de diálogo, onde as qualidades do professor são consideradas suficientes para atestar sua competência profissional, onde só ele dá as ordens e o aluno apenas os obedece, não havendo nenhuma comunicação entre ambos e o conteúdo transmitido e imposto como verdade absoluta, usando a disciplina para garantir a atenção e o silêncio do aluno.

Segundo Freire; Shor, (2001, p. 31) “a criatividade na pedagogia está relacionada a criatividade política [...] Uma pedagogia autoritária não permite a liberdade necessária a criatividade, e é preciso criatividade para se aprender”. Daí, a necessidade, do término dos modelos permissivos caracterizados pela total liberdade, onde tudo é permitido, é deixado acontecer, sem limites, sem a devida liberdade para a criatividade no ato do conhecimento.

A postura democrática caracteriza-se pela existência do diálogo, dando ao aluno também o direito de falar expondo suas ideias, e o professor as acata e o estimula sem, contudo, esquecer seu próprio lugar passando para o aluno a confiança em si mesmo, proporcionando-lhe momentos de descobertas.

Dessa forma, o papel do professor é levar o aluno a construir conhecimento, por meio da compreensão, do estímulo, da reflexão, na busca incessante por novas descobertas conhecimento, uma vez que a nossa realidade é dinâmica, em constante transformação. Além do mais, proporciona relações alicerçadas na confiança na afetividade e no respeito pelo aluno, compreendendo suas carências, necessidades e complexidades.

2 METODOLOGIA

Com a finalidade de alcançar o que propomos na pesquisa, isto é, investigar se há ou não, relações afetivas entre professores e alunos, nas salas de aula do 4º e do 5º ano do ensino fundamental, tornam-se imprescindível nesse percurso, delinear o método de estudo, visto que, através dele é possível cientificamente, a obtenção dos dados e os procedimentos de análise dos mesmos.

Para tanto, nos apoiamos na metodologia qualitativa, por ser “uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais” Bogdan e Biklen (1994, p.11). Além de delinear-se como qualitativa, caracteriza-se como descritiva, segundo Gil (2007, p. 44), tem “como objetivo primordial a descrição de determinadas população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Assim, procuramos descrever a realidade dos participantes do estudo, em seu ambiente natural, sem retirá-lo da sua realidade, permitindo-lhe uma maior autenticidade, de modo a revelar detalhes e significados no comportamento observado, relacionando fatos, no sentido de entender o significado das suas ações.

A vista disso partimos inicialmente da aquisição, seleção, leitura e fichamento de material relacionado ao tema, o que nos permitiu a construção de uma base teórica que nos subsidiou a produção do texto final, e a emitir as nossas considerações em torno da problemática em estudo.

O nosso universo de pesquisa é a Escola Estadual de Ensino Fundamental Santo Antônio, na cidade de Campina Grande-PB, e como público-alvo duas professoras de 4º e 5º anos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Santo Antônio, na cidade de Campina Grande-PB, visando a coleta de dados a serem utilizados para apuração, análise e divulgação dos resultados.

Para coleta de dados selecionamos a técnica de interrogação com aplicação de um questionário (instrumento de pesquisa) aos professores selecionados, contendo questões abertas e fechadas, para que os mesmos pudessem emitir suas opiniões em relação à temática. A nossa opção pelo questionário deve-se ao fato de se constituir além de um meio rápido e prático para obtenção de informações. “não expõe os pesquisados a influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado” (GIL, 2007, p. 129).

Os questionamentos adotados para as professoras são os seguintes:

- Ser um bom professor.
- A relação professor-aluno.
- Diferenças entre o professor autoritário e o professor democrata.
- A importância da prática docente.
- Abertura de comunicação entre professor-aluno
- Condutas do professor em sala de aula:

Ademais, embora de forma breve realizamos observações ao cotidiano da escola, igualmente ao das professoras objetivando um maior contato com as duas partes envolvidas, através dos seguintes aspectos:

Da escola:

- Demonstração de respeito, carinho, atenção e afeto mútuo;
- Disponibilidade de ajuda aos alunos de forma individual;
- Demonstração de respeito e atendimento as solicitações dos professores;
- Conflitos entre professores e alunos, como também, a resolução desses conflitos;

Das professoras:

- Preocupação das professoras no atendimento aos seus alunos da turma;
- Diálogo aberto e franco entre alunos e professores, de modo a permitir a abertura de temas relacionados ao contexto social, conforme previsto em nosso roteiro de observação.

De posse dos resultados das observações organizamos as informações contidas nos questionários, percebendo o consenso e as divergências entre as respostas dadas e as observações.

Após a coleta dos dados, realizamos a análise e interpretação atendendo as exigências da pesquisa qualitativa, desde as informações obtidas nas observações e nos questionários, buscando uma ligação com o pensamento dos estudiosos no assunto, contido nos fundamentos teóricos, no sentido de responder as questões de pesquisa, com base nos objetivos propostos.

Com base em Minayo, apontamos três finalidades para etapas de análise:

- a) Estabelecer uma compreensão dos dados coletados;
- b) Confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder as questões formuladas;

c) Ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte (1994, p. 69)

A título de considerações finais, Minayo (1994, p.79) afirma que “o produto final da análise de uma pesquisa, por mais brilhante que seja, deve ser encarada de forma provisória e aproximativa”.

Portanto, no nosso percurso metodológico seguimos as recomendações da pesquisa qualitativa, donde realizamos a avaliação do material, por nós coletado nos questionários, igualmente nas observações, descrevendo-as, e ao mesmo tempo, interpretando-as, com o apoio dos estudiosos. Isto feito nos propiciou o conhecimento das opiniões das professoras. Evidentemente em um estudo qualitativo, os resultados não se generalizam, mesmo assim, possibilita compreender melhor o problema, no caso, as a relação afetiva entre professores e alunos em sala de aula do 4º e do 5º ano do ensino fundamental.

3 ANÁLISANDO E INTERPRETANDO O QUE VIMOS, OUVIMOS E OBSERVAMOS DAS PROFESSORAS PARTICIPANTES DA PESQUISA.

De acordo com o questionário em anexo, realizamos a nossa pesquisa, que a partir de agora passamos a relatar, com a ajuda dos estudiosos no assunto, o que vimos e ouvimos de seis professoras, -participantes da pesquisa-, que desenvolvem as suas atividades nas turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Santo Antônio, na cidade de Campina Grande- PB.

Iniciamos os questionamentos da seguinte maneira:

Primeira questão: O que elas consideram ser um bom professor.

Obtivemos respostas como:

Ser um bom professor significa manter um bom relacionamento com a turma, respeitar a individualidade de cada um, ter o controle da classe e, acima de tudo, transmitir o conteúdo com segurança e estar atenta as necessidades da turma.

De forma significativa, a professora assim se expressou:

Ser um bom professor e ler, atualizar-se e desenvolver o aluno em conhecimento e humanização.

Destacamos a fala da professora B que nos diz:

Devo evitar no máximo discriminação e trabalhar em cima da realidade da turma, para não haver nenhuma disparidade, onde o professor deverá respeitar o ritmo da aprendizagem e o aluno está atento ao que está sendo ensinado.

A Professora D nos diz:

E ser assíduo seguro no que vai apresentar e responsável nas atividades.

Diante disso, o bom professor visto pelos alunos, segundo os mais velhos, é aquele que sabe dar segurança, e próximo e familiar, e sensível as necessidades dos alunos, da ajuda extra não discrimina, auxilia os mais lentos, e humilde e reconhece os próprios erros, criando, assim, uma atmosfera mais favorável ao mútuo entendimento e um aprendizado mais significativo (MORALES 2001).

Outra concepção a este respeito, é que o professor tem,

[...] que ser mais ou menos crítico a respeito de como a sociedade funciona. Preciso de uma compreensão crítica das próprias formas de funcionamento da sociedade, para poder entender com a educação, na qual estou envolvido, funciona no contexto global e no contexto da sala de aula (FREIRE, 2009, p. 214).

Logo, ser professor exige antes de tudo, envolver-se em sua “totalidade; sua prática é o resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um

compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação” (GRILLO, 2001, p. 78), ou seja, numa permanente busca, em “ampliar a responsabilidade da educação para as habilidades sócias e psicológicas, priorizando a afetividade” (CHALITA, 2004, p. 126), por conseguinte, afetividade não se impõe, conquista-se.

A segunda questão diz respeito às dificuldades no relacionamento com os alunos, obtivemos repostas de uma parte, que,

Há dificuldades a serem enfrentadas em sala de aula, mais que não chega a ser um obstáculo para ambos e que, depois de um bom diálogo e de uma boa convivência, todas as dificuldades são vencidas.

Da outra parte,

Nunca houve dificuldades no relacionamento com seus alunos. Todas procuram compreendê-los e tentam passar, confiança a todos, embora, as vezes, necessitem da ajuda de pais e gestores para resolver os problemas surgidos no dia-a-dia.

Nesse contexto, vimos que nas relações entre professor-aluno podem surgir conflitos, duradouros ou não, comprometendo emocionalmente, tanto o professor, como o aluno (FURLANI (2002). As razões desses conflitos, entre outras, podem ser porque o professor, por conta da sua insegurança em relação ao conhecimento, e aos limites, tenta forçar amizade com o aluno, diz que o estima, dá notas individualmente. Indiscutivelmente, as consequências são as deficiências no ensino e aprendizagem.

Em sequência, **a terceira questão sobre as suas visões no tocante as diferenças entre o professor autoritário e o professor democrata**. A maioria respondeu

O professor autoritário só impõe, não levando em consideração os interesses do aluno, não dando oportunidade do mesmo expressar-se. Quando ao professor democrata, esse sim, e mais aceito pelo alunado. Ele direciona o conhecimento e abre espaço para que haja um melhor aprendizado.

O professor autoritário irrita o aluno, tornando-o muitas vezes agressivo. O democrata não faz muito bem. O aluno acha que ele não liga para nada e só resulta no fracasso (Professora A).

O autoritário não lucra muito, pois deixa os alunos estressados e o democrata deve impor certo limite, porem e mais aceito (Professora F).

É obvio que cada professor possui diferentes características de personalidade, interferindo na relação ou possibilitando a adaptação do aluno que apresentam dificuldades emocionais. Segundo a maioria das professoras o professor autoritário só impõe, não levando em consideração os interesses do aluno, não dando oportunidade do mesmo expressar-se. Quando ao professor democrata, esse sim, e mais aceito pelo alunado, tendo em vista, direcionar o conhecimento e abre espaço para que haja um melhor aprendizado.

Quarta questão: a importância da prática docente.

É preciso estar sempre se auto-avaliando, se possível, todos os dias após a aula, refletindo sobre seus atos positivos e negativos, para melhorar como profissional e como ser humano. Também ter convivência com diversos segmentos de leitura e aperfeiçoar seus conhecimentos constantemente. (Professora B).

Em relação a isso destacamos a concepção de Freire (1993), quando diz que, por sermos seres inconclusos na nossa aprendizagem sempre haverá o que aprender o que acrescentar daí a importância de uma reflexão permanente sobre o que se diz e o que se faz em sala de aula, ou seja, o processo de ação-reflexão-ação. Contudo, é inerente a esse processo, o professor estar,

[...] aberto ao gosto de querer bem aos educandos. [...] Esta abertura de querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressa-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano (FREIRE, 2009, p. 141).

Desde logo, uma prática que por ser ancorada na afetividade, sem nenhuma dúvida possibilita ao mesmo tempo, a alegria de ensinar e a alegria de aprender, a confiança no que ensina e no que aprende, enfim, uma prática direcionada para uma aprendizagem com saberes teóricos na caminhada para a cidadania.

A quinta questão, se a abertura da comunicação entre professor e aluno, contribui para criar boas relações, obtivemos respostas tais como: por unanimidade,

A relação com os alunos pode ser o veículo para que eles aprendam coisas importantes para a sua própria vida e que essa oportunidade deve ser aproveitada o melhor possível, pois, desse bom relacionamento, nascerão e crescerão bons frutos.

Só por meio de um relacionamento aberto, com sinceridade e respeito, e que se pode chegar a um mundo humanizado na escola e fora dela (Professora F).

Concordamos com as opiniões das professoras, tendo em vista que, dessa abertura, incide uma maior participação dos alunos, em um melhor clima e uma maior motivação. Dessa abertura, incide uma maior participação dos alunos, em um melhor clima e uma maior motivação.

O nosso país necessita urgentemente de professores, de preferência, especialistas na arte de educar, que não deixem morrer a semente da esperança, que acreditem no sonho, no poder da transformação na capacidade de cada aluno, no potencial que há no interior de cada ser humano professor. Aquele que crer em uma educação como uma semente, certamente, proporciona ao aluno a capacidade de transformar e construir sua própria história. Além do mais, ter a plena convicção que sua profissão deve ser exercida, com responsabilidade dignidade, compromisso e prazer.

A sexta e última, questão relaciona-se as condutas importantes que o professor deve adotar em sala de aula, as respostas são:

Devem começar a partir de atividades que estejam relacionadas a realidade dos alunos e estas condutas devem vir acompanhadas de acolhimento, levando em considerações as diferenças individuais de cada um, além do respeito mútuo.

Deve se ainda, estimular a participação dos alunos e motiva-los para que haja uma aprendizagem mais eficaz.

As condutas importantes que o professor deve adotar em sala de aula, segundo as professoras, devem começar a partir de atividades que estejam relacionadas a realidade dos alunos e estas condutas devem vir acompanhadas de acolhimento,

levando em considerações diferenças individuais de cada um, além do respeito mútuo. Deve se ainda, estimular a participação dos alunos e motivá-los para que haja uma aprendizagem mais eficaz.

Quanto as nossas observações ao cotidiano da escola, partimos do seguinte princípio: procuramos manter um maior contato com as duas partes envolvidas, professor aluno, no sentido de percebermos principalmente as demonstrações de respeito, carinho, atenção e afeto, não somente em sala de aula, mas, nos momentos de intervalo durante o recreio.

Diante disso, observamos que os professores, procuram ajudar o aluno, preferencialmente, de forma individual, nas suas dúvidas em relação às atividades pedagógicas. Em relação ao respeito entre os alunos, elas estão dispostas a ajudá-los, no entanto, não há necessidade, pois os alunos se respeitam, e os pequenos problemas quando surgidos, são contornados, a partir de uma conversa com o aluno.

Vale pontuarmos que no momento das nossas observações, as professora B e D, se dirigiu até e nós e ciente do que observávamos nos disse:

Devo evitar no máximo discriminação e trabalhar em cima da realidade da turma, para não haver nenhuma disparidade, onde o professor deverá respeitar o ritmo da aprendizagem e o aluno está atento ao que está sendo ensinado. (Professora D).

E ser assíduo seguro no que vai apresentar e responsável nas atividades. (Professora D).

Outra professora faz questão de dizer da sua realização como professora através da seguinte frase:

Ser professora é um dom maravilhoso, pois, você sente-se gratificada em saber que está colaborando para levantar a moral de pessoas tão frágeis que irá depender de você para ser um bom profissional e tornar um mundo melhor (professora A).

Enfim, gostaríamos de finalizar a nossa compreensão a respeito do pensamento das professoras, com a brilhante opinião da professora A,

Ser professora é um dom maravilhoso, pois, você sente-se gratificada em saber que está colaborando para levantar a moral de pessoas tão frágeis que irá depender de você para ser um bom profissional e tornar um mundo melhor.

Quanto as nossas observações ao cotidiano da escola, partimos do seguinte princípio: procuramos manter um maior contato com as duas partes envolvidas, professor aluno, no sentido de percebermos principalmente as demonstrações de respeito, carinho, atenção e afeto, não somente em sala de aula, mas, nos momentos de intervalo durante o recreio.

Diante disso, observamos que os professores, procuram ajudar o aluno, preferencialmente, de forma individual, nas suas dúvidas em relação às atividades pedagógicas. Em relação ao respeito entre os alunos, elas estão dispostas a ajudá-los, no entanto, não há necessidade, pois os alunos se respeitam, e os pequenos problemas quando surgidos, são contornados, a partir de uma conversa com o aluno.

Vale pontuarmos que no momento das nossas observações, as professora B e D, se dirigiu até e nós e ciente do que observávamos nos disse:

Devo evitar no máximo discriminação e trabalhar em cima da realidade da turma, para não haver nenhuma disparidade, onde o professor deverá respeitar o ritmo da aprendizagem e o aluno está atento ao que está sendo ensinado. (Professora D).

E ser assíduo seguro no que vai apresentar e responsável nas atividades. (Professora D).

Outra professora faz questão de dizer da sua realização como professora através da seguinte frase:

ser professora é um dom maravilhoso, pois, você sente-se gratificada em saber que está colaborando para levantar a moral de pessoas tão frágeis que irá depender de você para ser um bom profissional e tornar um mundo melhor” (professora A).

Em relação as nossas observações ao cotidiano da escola, tivemos oportunidade de manter um maior contato com as duas partes envolvidas, percebendo demonstrações de respeito, carinho, atenção e afeto entre professor e aluno, tanto em sala de aula, como nos momentos de intervalo.

Os professores observados procuravam ajuda aos alunos de forma individual tirando suas dúvidas na realização das atividades. Em relação ao respeito dos alunos, e claro atendem as solicitações dos professores, mas não ocorreram grandes conflitos em sala de aula, os professores sempre souberam contornar a situação, partindo de uma conversa com o aluno que estava “dando trabalho”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação professor-aluno é um aspecto de grande relevância no processo ensino aprendizagem, daí, lançando-se um desafio para a educação como um todo, uma vez que acreditamos que a qualidade do processo ensino-aprendizagem, depende fundamentalmente do tipo de relação existente entre professor e aluno

Apresentamos como proposta, neste estudo, uma ação pedagógica voltada para o desenvolvimento integral do aluno, levando em conta, os aspectos afetivos, bem como, o cognitivo, na construção do conhecimento, uma vez que o ser humano é em todo indivisível.

Sabemos que, em qualquer concepção pedagógica, seja ela tradicional, seja ela sócio construtivista, o professor continua sendo um modelo para seus alunos, assim, resta, pois, como caminho, o professor procurar dar o mínimo de si, desde que esse mínimo traduz-se em afeto, amor, carinho, amizade, compreensão e diálogo para, assim, poder prepará-lo pouco a pouco para a vida, haja vista, a constatação que a cada dia a dimensão afetiva na relação professor-aluno está desaparecendo, principalmente no anos finais de ensino fundamental e, sem nenhuma dúvida, isto é prejudicial, porque estamos lidando com seres humanos e nenhuma atividade humana haverá sucesso se não houver uma forte carga de emoção e, o professor é o suporte intelectual e emocional do aluno na interação com o meio.

Todo professor deveria estar sempre disposto a conversar com o aluno por meio do diálogo espontâneo e sincero, para que eles percebam que há atitudes premeditadas em relação aos mesmos. O diálogo seria uma forma de o professor compreender melhor os problemas do seu aluno, considerando que é através de um bom relacionamento entre professor e aluno, que pode nascer ou renascer novas esperanças nas suas vidas. Ainda, é neste contexto que se faz presente a figura de um bom professor.

Na escola é o professor que lida diretamente com o aluno, por isso, a sua responsabilidade diante de toda a comunidade. Quanto à aula, ela pode ser atraente ou monótona, só depende dele do professor a ação de buscar ler, inovar, conhecer seus alunos e a si mesmo. Partindo daí, será um grande passo para encontrar uma

metodologia que promova a aprendizagem em consequência da construção do conhecimento. Conhecimento e a aprendizagem significativa só acontecem através da construção coletiva e interação entre professor e aluno.

Assim, numa perspectiva da solidariedade, seguindo uma estrada de valores e, olhando para frente, conseguiremos inspirar confiança, não só aos nossos alunos, mas, a nós mesmos, daí, a nossa esperança que tenhamos de alguma forma contribuído para uma prática pedagógica voltada para os problemas concretos da nossa realidade, tornando o aluno um agente de transformação através de o seu pensar, de sentir e do agir em situação do dia-a-dia de cada um.

Enfim, a realização desta pesquisa foi de grande importância para nosso crescimento pessoal e profissional e, ao término do nosso trabalho, consideramos os objetivos atingidos, pois, percebemos a influência da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem, haja vista encontrar-se ancorada no respeito e na afetividade,

REFERÊNCIAS

- ABREU, Ana Rosa. Ensinar bem é ... criar vínculos. São Paulo: **Revista Nova Escola**, v.2, n. 167, nov. 2003.
- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poética, 2001.
- ASSIS, Maria Célia de. **Violência na escola**: compreensão de um fenômeno social em João Pessoa – Paraíba - Brasil. João Pessoa: A União, 2014.
- AUSUBEL, David. Paul. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.
- _____. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. **investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto – Portugal: Porto Editora, 1994.
- CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução esta no afeto. São Paulo: Gente, 2004.
- _____. **Pedagogia do amor**: contribuições das historias universais para a formação de valores das novas gerações. 22 ed. São Paulo: gente, 2003.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 9 ed. Rio de janeiro: Paz e terra, 2001.
- FREIRE Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 40 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra; 2005.
- _____. **A importância do ato de ler**. 28ª edição. São Paulo: Cortez, 1993.
- FURLANI, Lúcia M. Teixeira. A parceria e a aproximação na relação professor-aluno na universidade. In. ALMEIDA, Laurinda Ramalho; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (orgs). **As relações interpessoais na formação de professores**. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?** São Paulo: Cortez, 1995.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRILLO, M. **O professor e a docência**: o encontro com o aluno. In: ENRICONE, D. (Org.) Ser professor. 4. ed. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2001.

MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 2001.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBAÜS. C. D. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. **Revista Educação**, Porto Alegre, ano XXIX, n. 1, v. 58, p. 123-133, jan./abr. 2006.

PIAGET, J. **A relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1974.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade & inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SOUSA, Vera Maria Nigro de Souza, ALMEIDA, Laurinda Ramalho; PLACCO, (orgs). **As relações interpessoais na formação de professores**. São Paulo: Loyola, 2002.